

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro

Class.: 257

Data: 8 de abril de 1984

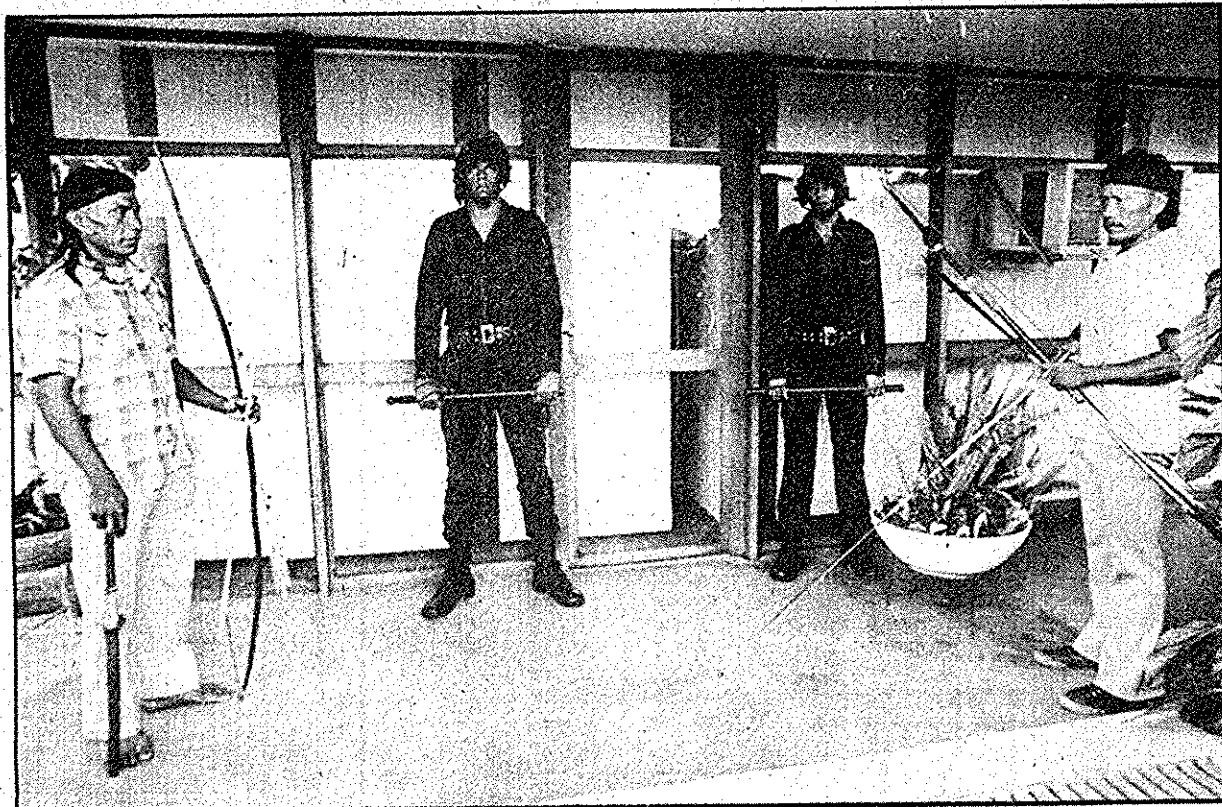
Pg.: _____

Me segura!

ARY PARARRAIOS

Brasília é Brasil. (Sem índio!)

Não há o que se pareça mais com o Brasil do que Brasília. É o liquidificador da loucura, do desvario, do delírio, da febre aftosa, das máscaras, das brincadeiras, das teses, dos desmandos, da repressão e das contradições do poder. A História de Brasília começa como a do Brasil, que foi colonizado pela população carcerária portuguesa de quase cinco séculos atrás. Brasília também começou mais ou menos assim. Não se podia escolher todas as pessoas que viriam colonizá-la. Enquanto se promovia uma aculturação da baixa classe média — promovida em alta pela mudança —, o proletariado se engajaria numa escravidão frenética de construir. Construir os palácios que o continuam mantendo a distância (como num bellissimo texto de Altmar Pimentel que com o lirismo humanista que lhe é peculiar, mostra o Núcleo Bandeirante, ex-Cidade Livre, como opção justamente para manter à distância os verdadeiros contrutores da cidade). As classes médias foram oferecidas oportunidades de ascensão social, enquanto o proletariado continuou nos guetos servindo aos mandarins. E é assim que a cultura passou a ser o que é. Um dos canais da administração federal. Onde funer artes e afundações culturais deslizam ao bel-prazer sem saber a legitimidade do que propõem como movimentos, como cultura em seu conceito dinâmico.



modas massacrantes recebidas do estrangeiro. Tanto que até hoje nossos artistas ainda exercitam a imperialista (de Império, mesmo!), idéia de aprender arte na refinada Paris. Sempre tentando imitar o padrão **raffiné** ou **engajé** das matrizes, nunca antropofagando suas qualidades. A praça de Brasília, são a Praça dos Três Poderes e a Esplanada dos Ministérios. Ali habitam os seres alienígenas que não vêem uma cidade adolescente pulsando debaixo do seu nariz. Ali estão os "eleitos" de si mesmos divorciados de qualquer necessidade local. Eles trouxeram os cisnes que habitam os lagos palacianos; plantaram os pinheiros canadenses dos parques; e

agora tiram as qualidades de melo ambiente loteando sem escrúpulos as cabeceiras dos rios. E pra isso espantaram os pássaros, como o Gavião do cerrado; em obras como a do Camping do DF, tiraram o proletário cerrado para implantar o Pinus Elliotis, formador da famigerada mata sem vida que nenhum pássaro visita. Um despotismo que começa na ecologia desse local escolhido para ser a Novacap (mas sempre tendo como modelo a Velhacap. Matando os "nocivos" germes do novo). Por isso tudo é que você não pode se espantar quando passa por um Setor de Indústria e Abastecimento, onde a rigidez de burocracia

impede e até proíbe qualquer tipo de atividade que não se enquadra nessas classificações, e dá com um vistoso edifício onde funciona a Fundação Nacional do Índio, a Funai. Na Brasília/Brasil índio é caso de polícia. O Encontro Nacional de Povos Indígenas do Brasil não mereceu, como determinam as leis, um aparato de proteção. A polícia vestida de negro e armada até os dentes, imitando os enlatados **pós-roludianos** da TV e promovendo um **deja-vu** das tenebrosas e vergonhosas milícias anticomunistas medicianas, estava reprimindo. A foto de Wilson Pedrosa não capta apenas um flagrante específico. Demonstra, sobretudo, como andam nossos po-

deres. Não ficamos contentes em proteger os índios nas reservas que pra eles destinamos numa negação da nossa própria história. Legamos a eles a condição de rebotalho de uma **sifilização** que, todos sabemos, não deu certo. Somos nós, "civillizados", com nossos avanços científicos, com nosso refinamento, nosso depuramento cultural que os cercamos de soldados. Para manter a "paz". Uma linguagem cifrada que todos entendemos, mas da qual nos esquivamos e nos omitimos. Enquanto os velhinhos de coração safenado ficam determinando o jogo e se esquecendo que o Brasil é território indígena.

No Brasil se entrou pelo litoral ditando as